

TP6 –Philosophy, social sciences and new research objects from the Marxist legacy

Totalidade em Lucien Goldmann

Fernando Marineli

A apresentação buscará explorar a origem e natureza dos fundamentos metodológicos desenvolvidos pelo sociólogo romeno-francês Lucien Goldmann, em obras produzidas durante as décadas de 1940 e 1950. A título introdutório, será realizada breve confrontação da recepção do autor no Brasil e em Portugal. A partir de um panorama da produção do pesquisador marxista, que inclui as obras “Ciências Humanas e Filosofia”, “Sociologia do Romance” e “Le Dieu Caché”, com tradução inexistente em português, além da primeira de suas duas teses doutorais, dedicada ao desenvolvimento do pensamento de Kant, serão explorados primeiramente a própria dimensão que os problemas metodológicos assumem nessa fração da produção de Goldmann e, posteriormente, serão abordados os fundamentos do conceito estruturante de totalidade com que o autor opera. O procedimento possibilitará o estabelecimento de relações com algumas de suas influências e interlocuções conceituais matriciais, especialmente a obra “História e Consciência de Classe” de Gyorgy Lukács, de onde provém declaradamente a filiação de Lucien Goldmann ao princípio metodológico da totalidade, que também dá sustentação à forma específica de um dever ser histórico pela identidade sujeito-objeto. Tais análises permitem a reflexão sobre a natureza de determinadas questões metodológicas permanentes nos debates do marxismo, tributários do contexto de que se tratará.

Palavras-chave: Lucien Goldmann, totalidade, teoria sociológica, metodologia.

Adorno e Luhmann: algumas afinidades eletivas.

Laurindo Dias Minhoto

Argumento que aspectos da vertente luhmanniana da teoria dos sistemas poderiam ser mobilizados em chave criptonormativa para uma crítica de certas tendências do desenvolvimento social contemporâneo, em especial, a crescente determinação econômica de diferentes esferas da vida e a formação de indústrias setoriais específicas – como as da saúde, da educação, do controle do crime etc. –, com a consequente erosão da autonomia dessas esferas e a exaustão progressiva das condições sociais para o exercício da liberdade e a experiência da diferença.

Um passo decisivo a essa crítica da teoria dos sistemas residiria na indicação de certas “afinidades eletivas” entre Luhmann e Adorno, reforçando a plausibilidade de um vínculo interno entre as distintas concepções teóricas desses autores e não a sua mera apropriação instrumental e justaposição externa. Desse ponto de vista, argumento que aspectos da construção conceitual luhmanniana – notadamente o modo como a relação sistema-

ambiente é pensada – guarda forte ar de família com o modo adorniano de conceber a relação sujeito-objeto na chave especulativa da dialética negativa.

Concebido como modelo crítico que põe as abstrações reais operadas pela sociedade para correr nos trilhos da diferença e da autonomia sistêmica e, em especial, um modelo crítico que tem no centro possibilidades de mediação recíproca entre sistema e ambiente, dadas pelo conceito de acoplamento estrutural e pelo trabalho de reconstrução interna de irritações do ambiente, a aposta é de que a teoria dos sistemas põe-se de modo enfático em tensão com aquilo que, ao menos em parte, poderia ser visto como o seu outro: a descrição sociológica da generalização da forma-mercadoria e da instrumentalização do particular por imperativos sistêmicos unilaterais no capitalismo neoliberal.

Palavras-chave: Theodor Adorno, Niklas Luhmann, crítica imanente, dialética negativa, sistema-ambiente

O argumento ontológico no encontro entre a fenomenologia de Michel Henry e a filosofia de Karl Marx

Andreas Gonçalves Lind

Não foi por mero acaso que alguns dos principais fenomenólogos de língua francesa posteriores a Husserl, tais como P. Ricoeur, E. Levinas, M. Henry e J.-L. Marion, comentaram o argumentum anselmiano. No final do século passado, quando a prova anselmiana era vivamente debatida no seio da filosofia analítica, estes fenomenólogos franceses desviaram o debate para um âmbito diverso: operando a partir da fenomenologia, a questão da validade lógica própria ao encadeamento das premissas foi posta de lado, em proveito do fenómeno bruto que se manifesta, e das suas condições de possibilidade. Não se trata, portanto, de afirmar racionalmente que Deus existe: trata-se, antes, de verificar em que medida e a partir de que fenomenalidade será possível, a um ser como Deus, manifestar-se.

A crítica que M. Henry dirige contra o argumentum surge, neste contexto, como uma das mais originais. O fenomenólogo francês rejeita categoricamente a prova anselmiana por dois motivos principais: (1) por um lado, o argumentum não afirma apenas a existência de Deus, mas também a impossibilidade de aceder à realidade que Deus constitui; (2) por outro, o argumentum assume implicitamente uma leitura unilateral da fenomenalidade (a existência fenomenal de um ser situa-se sempre à distância de um sujeito que o pode representar ou conceptualizar intelectualmente, mas não o pode sentir afetivamente).

A presente comunicação procura mostrar, por um lado, como a leitura henryana do argumentum já se encontra na tese doutoral de Marx e, por outro, como essa mesma leitura permite interpretar a obra marxiana enquanto construção de uma “metafísica do indivíduo” contrária à ontologia de essências universais.

Palavras-chave: Michel Henry, Karl Marx, Argumento ontológico, Fenomenologia da Vida.

À (Re)Descoberta de um Karl Marx Vitoriano e de um Legado Marxiano na Arte e na Política Britânicas

Paula Alexandra Guimarães

Judeu errante e ativista polémico, Karl Marx foi um 'cidadão do mundo' que cedo se exilou na Inglaterra (1849) e onde permaneceu, com a sua família, até à sua morte – cerca de 34 anos ou mais de metade da sua vida. Apesar de impedido de prosseguir uma carreira académica, Marx foi um intelectual versátil, frequentador assíduo da British Library (pesquisa dos 'blue books') e admirador e conhecedor de autores como Shakespeare, Fielding ou P. B. Shelley, tendo chegado a escrever poesia na sua juventude. Interessa-nos, por isso, analisar o seu importante legado na literatura e nas artes do país que o recebeu, mas que nunca lhe concedeu cidadania. Tal como alguns romancistas ingleses (incluindo Dickens e Eliot), Marx foi muito influenciado pelas ideias dos economistas políticos Adam Smith e David Ricardo, apoiando sobretudo o utilitarismo radical de Jeremy Bentham. Contactou de perto com as figuras mais radicais do período, nomeadamente o sindicalista pioneiro Robert Owen e o Cartista revolucionário Ernest Jones, tendo testemunhado o momento singular do nascimento da luta de classes e do capitalismo em Inglaterra, experiências que seriam vertidas nas suas obras mais carismáticas, o Manifesto Comunista (1848) e O Capital (1867-), por alguns apelidado de 'romance vitoriano'. Apesar das suas divergências em relação ao chamado 'socialismo utópico' e ao 'socialismo feudal' ou 'conservador', Marx teria chamado a atenção do poeta, artista e ativista socialista William Morris, que viria a publicar alguns dos seus escritos. Em 1883, Marx é enterrado na condição de apátrida no Cemitério de Highgate, Londres, onde, em 1954, o Partido Comunista Britânico construiu uma lápide com o seu busto. Por sua vez, nas décadas de 60 a 80, uma teorização neomarxista seria adotada por nomes influentes como os de E.P. Thomson e Eric Hobsbaum, os historiadores britânicos mais inspirados pela teoria social de Marx.

Wandering Jew and controversial activist, Karl Marx was a 'citizen of the world' who was soon exiled in England (1849) and where he remained with his family until his death – for about 34 years or more than half his life. Despite being barred from pursuing an academic career, Marx was a versatile intellectual, regular attendee of the British Library (blue book research) and an admirer and connoisseur of authors such as Shakespeare, Fielding or P.B. Shelley, having even written poetry in his youth. I am, therefore, interested in analysing his important legacy in the literature and the arts of the country that received him, but which never granted him citizenship. Like some English novelists (including Dickens and Eliot), Marx was heavily influenced by the ideas of the political economists Adam Smith and David Ricardo, supporting Jeremy Bentham's radical utilitarianism. He had close contact with the most radical figures of the period, notably the pioneering trade unionist Robert Owen and the revolutionary Chartist Ernest Jones, having witnessed the singular moment of the birth of the class struggle and capitalism in England, experiences that would be found in his most charismatic works, the Communist Manifesto (1848) and The Capital (1867-), by some dubbed a 'Victorian novel'. Despite his disagreements with the so-called 'utopian socialism' and 'feudal or conservative socialism', Marx would draw the attention of the socialist poet, artist and activist William Morris, who would publish some of his writings. In 1883, Marx was buried as a stateless person in Highgate Cemetery, London, where the British Communist Party built a tombstone with his bust, in 1954. In turn, in the 1960s and 1980s,

a neo-Marxist theorization would be adopted by such influential names as those of E.P. Thomson and Eric Hobsbaum, the British historians most inspired by Marx's social theory.

Palavras-chave: Marx, Vitoriano, Arte, Política, Britânicas / Marx, Victorian, Arts, Politics, British

UMA FÁBULA de TRÊS TORRES: EIFFEL, TATLIN, SHUKHOV - contributo para uma estética marxista a partir da análise da arquitectura da época envolvente da Revolução de Outubro

Franklim Moraes, Catarina Ruivo

Embora Marx não se tenha dedicado especificamente aos estudos das praxis artísticas, o seu papel na criação das ciências sociais e no desenvolvimento da teoria do conhecimento foi inspirador de múltiplos (e nem sempre isentos de contradições) estudos posteriores no domínio da estética. Em vez de uma enunciação de conceitos abstractos, opta-se por delinear grandes orientações de uma estética baseada em Marx, a partir de uma análise fenoménica de uma arte (arquitectura), uma época (em redor de 1917) e indo mesmo ao concreto de três objectos específicos. Com isso se pretende demonstrar que a prática da fruição artística é a de uma forma específica de conhecimento – o concreto conceptual; e com isso também participar no transformador confronto de ideias (não se trata só de interpretar...) com outras visões estéticas como a fenomenologia, a hermenêutica e outras correntes idealistas e irracionais, no seu próprio campo preferencial – os ‘concretos’ - que apresentam como impermeável a uma fruição artística recorrendo a qualquer labor intelectual (‘entre a poesia e a razão prefiro a poesia’). Outros aspectos que serão relevados: A autonomia das praxis artísticas só pode ser entendida pela sua irreducibilidade a outras actividades humanas, e nunca como uma ausência de relações com elas; pelo contrário as artes são extraordinariamente ‘funcionais’ e só podem ser entendidas no quadro do relacionamento dialético entre os seres humanos e o mundo material (natural e social); ideia que também confronta as teses ‘culturalistas’ de cariz idealista, do tipo ‘a esquerda é a cultura / artes’; São possíveis teorias das praxis artísticas, independentemente dos posicionamentos ideológicos das poéticas e outras normativas; Como forma de conhecimento específico que também exercem, as artes participam na infraestrutura das forças produtivas das formações sociais, e não são exclusivamente componentes da sua superestrutura ideológica;

Palavras-chave:

Sobre flores, grilhões, consciência e afetos: hipóteses para enfrentar as engrenagens de produção social da ignorância

Sylvia Debossan Moretzsohn

Marco Schneider

Esta proposta é um desdobramento das pesquisas que vimos realizando sobre as possibilidades de se enfrentar a produção social da ignorância no ambiente contemporâneo de hiperinformação favorecido pelo complexo de infotelecomunicações, que solapa a emergência de consciências e ações emancipatórias coletivas.

A famosa metáfora de Marx sobre a necessidade de se arrancar as flores imaginárias dos grilhões implica uma tarefa prática para que “a flor viva desabroche”: o abandono das ilusões acerca de uma condição exige “o abandono de uma condição que necessita de ilusões”. Está aqui indicada a relação entre “base” e “superestrutura”.

A tradição marxista, entretanto, tendeu a enfatizar o trabalho sobre a base – as condições materiais de produção –, o que conduziu ao que Smythe, já nos anos 1970, chamou de “ponto cego” na teoria, que desconsiderava ou minimizava os estudos culturais e de comunicação. Porém, uma perspectiva dialética mostra que não basta investir sobre a “base” que produz a “consciência alienada”, pois é essa “consciência” que conforma as pessoas a permanecerem no lugar em que o sistema as colocou, levando-as a se deixarem seduzir pela beleza das flores que disfarçam ou ocultam os grilhões.

Ora, colocar flores nos grilhões é tipicamente o papel da indústria cultural, que age sobre as consciências e afetos de modo a conduzi-las a aceitar o mundo “tal qual é”. Pensar uma saída do capitalismo pressupõe discutir formas de trabalhar esses afetos à contracorrente – cultivar o gosto pela busca da informação confiável, por exemplo – e criticar essa engrenagem de produção ideológica, hoje radicalizada com a tecnologia digital, que proporciona a constituição do complexo de infotelecomunicações, estruturado como o grande porta-voz do capitalismo financeiro globalizado e incorporado à vida cotidiana como se fosse um simples e inofensivo instrumento para aproximar as pessoas, diverti-las e torná-las mais felizes.

Palavras-chave: mídia; ideologia; alienação; infotelecomunicações; tecnologia.